



## APROXIMAÇÕES ENTRE O JUDÔ E A EDUCAÇÃO INTEGRAL<sup>1</sup>

Mayrhon José Abrantes Farias<sup>2</sup>  
GEPPEF/DEF/UFMA

### Resumo

*A pesquisa possui um caráter qualitativo e tem como objetivo traçar algumas aproximações entre os percursos históricos e filosóficos do judô e uma perspectiva de Educação Integral pautada pela formação multidimensional de indivíduo. Para isso traçamos discussões teórico-conceituais baseadas em literaturas dos dois eixos de reflexão, onde identificamos algumas vias de diálogos que nutrem uma possibilidade de imersão de práticas como o judô na formação educacional para além dos tatames, e não obstante, para além da escola.*

Palavras-chave: Educação Integral. Judô. Formação.

### Abstract

*The research has a qualitative character and aims to draw some similarities between the historical and philosophical paths of judo and a perspective of Integral Education training guided by multidimensional individual. For this we draw theoretical-conceptual discussions based on literatures of the two axes of reflection, which identified some avenues of dialogue that nourish a possibility immersion practices such as judo educational background beyond the mat, and yet, beyond the school.*

Keywords: Integral Education. Judo. Training.

### 1 HAJIMÊ<sup>3</sup>! Introduzindo o estudo.

<sup>1</sup> Texto que faz parte do trabalho de conclusão de curso de Especialização em Educação Integral e Integrada – PPGE/UFMA, intitulado “O judô no contexto da Educação Integral: reflexões a partir de experiências no Programa Mais Educação em uma escola da Vila Embratel em São Luís – MA”

<sup>2</sup> Licenciado em Educação Física – UFMA, Especialista em Educação Integral e Integrada – PPGE/UFMA, Pesquisador do GEPPEF/DEF/UFMA e do Grupo IMAGEM/UnB.

<sup>3</sup> Termo utilizado nas lutas do Judô pelos árbitros caracterizando o início dos combates.





O judô é uma luta com raízes históricas nipônicas e que possui na sua essência técnica e filosófica a busca pelo *ippon*, o golpe perfeito. Utiliza de bastante eficiência e técnica corporal no ato de projetar corpos ao chão e, sobretudo, no cair. Por ser uma arte criada no oriente, à disciplina em todas suas dimensões se faz presente, norteando a forma de se vestir, o local de prática, os rituais, a postura técnica, estética, ética e moral.

A luta tem em sua história a adaptação e ruptura de valores, que sofreram influências do ambiente social japonês, mas que sobretudo, promoveu através de sua existência uma resistência da cultura ocidental. Mais que uma luta, que uma prática de atividade física, historicamente o judô tem incidência no social e foi criado pelo mestre Jigoro Kano no intuito de conduzir o caminho para o máximo de amplitude intelectual, moral e espiritual em prol do bem-estar individual e coletivo (KANO, 2008).

O intuito desta pesquisa é nortear alguns percursos necessários na compreensão do judô enquanto luta e arte, bem como sua relação direta com a Educação Integral. Em nosso estudo a ênfase será dada nesta compreensão multidimensional de judô que acaba por contribuir na sua visualização enquanto modalidade importante em uma perspectiva ampliada de formação.

Vale a pena registrar que quaisquer tentativa de explicação histórica e/ou cultural que abranja ensinamentos filosóficos acerca do judô serão intimamente pequenas diante da vastidão que configura a trajetória da arte desde a sua gênese. Nosso intuito é tentar clarificar possíveis contribuições desta arte para se pensar em uma formação educacional ampliada baseada não só na prática pela prática e sim pelo fazer coletivo.

## 2 TROCA DE PEGADAS<sup>4</sup>

### 2.1 Historicizando o Judô

O judô tem suas raízes históricas no *jujutsu* (taijutsu ou yawara). O *jujutsu* se configurara enquanto uma das artes marciais mais praticadas no período do Japão feudal.

---

<sup>4</sup> Primeiro contato entre os adversários em um combate de judô. Momento onde os combatentes se analisam e estudam o momento de entrada dos golpes.





Nesta arte desenvolviam-se técnicas de ataque, compostas por projeções, contusões, apunhaladas, chicoteios, cortes, estrangulamentos, além disto, fazia-se uso de lanças, espadas, arcos e flechas, dentre uma série de outras armas. A partir século XVI o *jujutsu* passara a ter suas técnicas sistematizadas para o seu ensino e aprendizagem, e, no período Edo (1603-1868) teria se tornado um arte complexa a tal ponto de ser promovida por mestres em diversas escolas especializadas (KANO, 2008).

Neste contexto de recorte temporal recorreremos a Assunção (2008) quando este apresenta em sua pesquisa uma análise dos processos históricos que influenciaram a prática do Karatê e do Judô, partindo da chegada em território japonês do comodoro Perry no ano de 1853, culminando na abertura dos portos locais. Este evento influenciara decisivamente na mudança de estilo de vida dos japoneses, implicando tanto culturalmente quanto politicamente na sociedade da época. O autor enfatiza e analisa em seu estudo a interferência do Karatê e do Judô em todo processo, atuando em dados momentos como resistência a cultura ocidental, pautada fundamentalmente pelo modelo capitalista, imprimindo praticas educacionais fundadas por rígidos códigos de ética como o *Bushidô*. Assunção tece suas reflexões partindo da idéia que a influência ocidental representada a partir da abertura dos portos nipônicos, acabou por forjar novos modelos também das artes citadas, diminuindo gradualmente seus potenciais educacionais e interferindo cada vez menos na formação cidadã.

Mestre Jigoro Kano, ex-praticante do *jujutsu* a partir das lacunas percebidas em anos de pratica e de estudos das artes marciais, desenvolvera o judô neste contexto de decadência cultural japonesa exposta ao capitalismo ocidental. A dúvida pela forma correta de se abordar e praticar a luta, em meio a tantas possibilidades e estilos de *jujutsu*, e a ausência de respostas referentes ao real sentido que habitaria na sua prática fez com que Kano desenvolvesse seu próprio método, método esse que se distanciara das propostas de *jujutsu* já vistas por ele. A energia física e mental foram pontos de partida para o pensar de uma arte onde os aspectos mortíferos dos combates fossem desagregados da luta. Com isso Jigoro Kano criara o judô, termo este que tem sua origem etimológica nos termos *ju*, que significa “gentilmente” ou “cedendo passagem” e do *do* remetendo a noção de “principio” ou “caminho” (KANO, 2008).





A utilização da gentileza, do ceder espaço para se chegar aos pontos frágeis do adversário, fez do judô uma arte diferente dos pressupostos marciais pregados pelo *jujutsu*. A utilização da força do adversário ao seu favor mostra a sensibilidade de Kano em perceber que para se ser vitorioso na luta não precisa necessariamente o confronto direto de forças, mas utilizá-las de forma racionalizada e eficiente.

Mestre Kano, homem de cultura geral ampla e também de vasta formação acadêmica logo fizera do judô luta mais praticada no Japão. Por mais que subtendesse uma aparente concepção dicotômica entre corpo e mente, e que partisse de uma noção de disciplina, eficiência e de treinamento em prol do aprimoramento, visualizamos a partir do modelo de judô proposto pelo mestre, a tentativa de se atribuir sentidos ao aprendizado do aluno praticante, e que, acima de tudo fizesse sentido para sua vida além judô.

O judô foi colocado através da figura de Kano enquanto a Educação Física do Japão, pregando a formação a partir da prática da arte a formação de corpos fortes e saudáveis, ao mesmo tempo em que dispusesse aos praticantes uma formação mental e moral. Foi percebido pelo mestre a ineficiência das práticas de ginástica e dos esportes, por estes não formarem corpos hábeis e eficientes tampouco preparassem os indivíduos mentalmente e moralmente para o convívio em sociedade.

As dimensões de treinamento pautados pelo treinamento corporal, mental, ético e estético foram importantes para a composição identitária da prática do judô, mas, foi a forma de pensar este judô para fora do *dojô* que talvez tenha sido a maior riqueza dos pensamentos do Mestre Jigoro Kano.

## 2.2 Sobre a Educação Integral

Embora a Constituição Federal (1988) não faça menção direta ao termo Educação Integral, ou, até mesmo, ao termo Educação de tempo integral, pressupõe a partir de alguns de seus artigos (mais especificamente o 6º e o 205) que a Educação Integral é de direito de todos (MENEZES, 2009).





Nesta perspectiva, o termo Educação Integral por si só, já expõe fragilidades de ordem semântica, tendo em vista que, toda Educação já é integral, caso contrário não é Educação. Além deste pleonasmo configurado a partir do termo, a noção de Educação Integral, traz a reboque discussões referentes à noção de tempo, espaço e extensão da Educação (PARO, 2009).

Guará (2006) coloca a formação integral do indivíduo relacionada à Educação Integral partindo da perspectiva:

[...] de compreensão do homem como ser multidimensional, a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio indivíduo e do contexto em que vive. Assim, a educação integral deve ter objetivos que construam relações na direção do aperfeiçoamento humano. [...] A educação, como constituinte do processo de humanização, que se expressa por meio de mediações, assume papel central na organização da convivência do humano em suas relações e interações, matérias-primas da constituição da vida pessoal e social (GUARÁ, 2006, p.16)

Traçando uma relação das idéias de ser multidimensional referendado por Guará (2006), utilizamos das reflexões de Cavaliere (2009), onde esta pressupõe que a formação de um homem pautada por múltiplas dimensões o torna apto para escolher seus caminhos, não o oprimindo ao universo de produções de bens. Para a autora é a lógica da eficiência atrelada a esfera da necessidade que fragmenta e limita a humanidade de seguir suas escolhas de forma emancipada.

Cavaliere (2009) apóia – se nas idéias de Paro no que se diz respeito à negação de uma idéia pobre de Educação. Para Paro, segundo a autora, a educação pobre, se configura desta forma por falta de significados, normalmente atrelada noção de treinamento. Podemos ver os pensamentos acerca desta educação “pobre” referendada por Paro (2009, p.14) no trecho:

Essa concepção pobre de Educação orienta a nossa política educacional, orienta o MEC, as secretarias de educação, enfim, orienta a educação no Brasil. Para essa concepção de Educação a metodologia é muito simples: basta você ir do mais simples para o mais complexo, organizando os conhecimentos e explicando para quem aprende. Para essa concepção, o que importa são os conhecimentos e informações, que inclusive costumam chamar de “conteúdo”.





Partindo da noção que a cultura é produção humana, este mesmo homem se apropria da cultura, e, a partir dela, se faz histórico. Pensamos na Educação Integral enquanto modalidade educacional que deve ser compreendida a partir das diversas tensões que configuram os cenários políticos sociais em que fazemos parte.

Muito além de promover formas, espaços e tempos diferentes de ensinar e aprender, a Educação Integral aqui visualizada funda-se em uma compreensão de sociedade pautada por distorções, onde a divisão do indivíduo e a estratificação da sua formação humana – pautada para a preparação para o mercado – o inibe do papel de pensar a sua realidade e se situar no contexto de mudança

### **3 IPPON!<sup>5</sup> JUDÔ E EDUCAÇÃO INTEGRAL: algumas reflexões.**

Não podemos pensar em judô sem pensar na extinta classe dos samurais, onde se disseminava o pensamento de que “o guerreiro era dono de si mesmo”, sendo assim deveria habitar “o caminho da pena e da espada” (ASSUNÇÃO, 2008). Sob a luz dos pensamentos samurais podemos imaginar que, para o guerreiro, não era o suficiente dominar as técnicas de combate, mas também buscar o equilíbrio, a harmonia, que perpassava por outras dimensões não alcançáveis pela lâmina da espada. A educação recebida em anos de treinamento os preparava para os campos de batalha e para o convívio social, caracterizando a idéia de que não eram treinados apenas para a guerra, mas para a busca sistemática da paz. (*Id*, 2008).

Neste sentido buscamos refletir sobre indicativos desta filosofia samurai subsumida nos valores éticos e estéticos do Judô que hoje são utilizadas enquanto dimensão educacional em escolas e programas sociais. A ênfase não se dá na análise específica dos valores samurais ou de quaisquer outra filosofia que possa compor a essência de artes marciais como o judô, mas sim identificar aspectos gerais que possam servir para a composição de um “homem integral”, coibido por valores de uma sociedade marcada pelo

---

<sup>5</sup> O objetivo primordial do judô. Filosofia que funda a existência da arte, caracterizando a perfeição.





capital, e não obstante da competição, cada vez mais preocupado com sua formação para as demandas do mercado.

Para Paro (2009): “considerar que a educação visa ao homem já é um grande progresso; significa que educação é diferente de treinamento.” Partindo destes pensamentos, acreditamos que, mesmo a noção de treinamento sendo referendada a todo o momento a partir da literatura visitada relacionada ao judô, e, esta expressão fazendo parte do cenário da luta, pensamos nesta arte enquanto prática que não tem na sua gênese o foco na formação técnica, de operacionalização do corpo e prol da vitória. No entanto, como prática que se submeteu a valores ocidentais para ser difundida, o judô dispõe de uma série de contradições.

A exemplo disso referendamos Assunção (2008) quando este estabelece uma crítica ao modelo de competição aderidos tanto pelo judô quanto ao Karatê, atribuindo uma relação direta com o modelo capitalista, reduzindo as artes a “meros esportes de combate”, desconsiderando todo um cenário filosófico, pautado por valores éticos e morais.

Partindo destas reflexões podemos perceber que, assim como o judô pode ser um instrumento para a emancipação dos pensamentos, pode se configurar enquanto percurso alienante, dotado de valores impregnados de individualidade, competitividade exacerbada e performances vazias, sem sentido real para o atleta e para quem ele representa. Bem como a Educação Integral configurada a partir da pesquisa pode ser tão parcial como o que já se vê no nosso cotidiano docente, ou tão estratificada como a sociedade fabril e bancária em que nos situamos.

Nossas práticas são pautadas por nossas visões de mundo, e nelas estão impregnadas nossas aspirações diante do que é visto e vivido. Paro (2009) propõe a possibilidade de se compor outras formas de educar a partir de outras práticas, de outros espaços de sociabilidade, negando o modelo vigente e propondo superações, no trecho:

[...] precisamos pensar num conceito para negar esse que está aí, precisamos. O que está aí é uma escola à qual se vai, pretensamente, para aprender matemática, física, geografia, etc., mas à qual não se vai para aprender a dançar, a cantar, a brincar, a amar, a discutir política, a conviver com o outro, a ser companheiro, etc. [...] porque esses outros elementos da cultura são tão centrais quanto os conhecimentos e informações para a emancipação pessoal e a constituição da cidadania integral. (PARO, 2009, p.19)





A noção de homem integral, e, não obstante de educação integral, funda-se na noção de crítica e superação da realidade. Nesta perspectiva, todas as ferramentas educacionais devem ser empregadas de forma a conscientizar o aluno do seu papel em cada contexto que habite e de sensibilizar o sentido de suas ações e de seu próprio aprendizado. Carvalho (2007) corrobora com os pensamentos de Paro (2009) no sentido de se negar o habitual impregnado de contradições e incidir sua prática pedagógica, neste caso no judô, a partir de pensamentos dotados de comprometimento social e político. Para Carvalho (2007):

A abordagem do judô articulado com a filosofia dialética, salvaguardadas as diferenças teóricas e metodológicas de cada uma dessas áreas do conhecimento humano, é indispensável à construção da reflexão crítica e da nova significação das idéias pedagógicas em andamento na prática judoística. Localizar as contradições entre o pensar e o agir, além de ser relevante socialmente, é de fundamental importância e imprescindível à compreensão da jogata social, política e pedagógica que se desenrola também no judô (CARVALHO, 2007, p.26 - 27).

O diálogo com as várias dimensões do conhecimento, a sensibilidade para com as contradições sociais, que atuam sob perspectiva articulada com relações diversas - sejam maiores, menores ou intermediárias - se fazem necessárias no fazer pedagógico do professor. Situar o aluno neste contexto atribui sentido ao seu aprendizado e pressupõe compreensões reais para sua vida além escola, além tatame ou até mesmo além universidade.

Partindo destes pressupostos remetemo-nos a Peruca (1996) quando este define a essência do judô baseada nos princípios do *Seiryoku – Zenyo e Jitakyoei*. De acordo com o autor o *Seiryoku – Zenyo* caracteriza – se pela utilização da concentração em prol do desenvolvimento físico, técnico, moral e intelectual. O princípio prevê que o aluno aprende através deste princípio a ser consciente do seu potencial nas várias dimensões de sua vida, sendo mais eficiente em todas as ações cotidianas, com aplicação prática na vida além judô. Já o *Jitakyoei* corresponde ao princípio do desenvolvimento integral de ser humano através do contínuo processo de interação com a comunidade, onde a melhora individual precisa necessariamente do fazer solidário para com os comuns e a busca pela convivência harmônica em sociedade.





Sendo assim, o judô enquanto arte, filosofia que prega a formação integral do indivíduo e sua “eficiência” em determinados contextos da luta e em sua vida além judô, traz, a luz do pensamento oriental, a necessidade de se olhar para além do aparente, de se buscar a essência em meio ao culto da aparência, bem como o bem coletivo através de suas ações.

## CONCLUSÃO

Não existem convergências ideológicas demarcadas entre o judô e a educação integral. A tentativa que propomos em nossa pesquisa, reside em estabelecer possíveis diálogos entre estes dois cenários que compõem o universo da Educação. A idéia de Educação Integral perpassa por diversas dinâmicas sociais no ocidente, mas também podem promover possibilidades de interface com a própria proposta de formação cidadã pregada nos primórdios do judô, enquanto arte oriental.

Por ter determinação direta de seres humanos, as relações que perpassam as práticas educacionais são muito fluidas. O local de educar ao longo dos tempos foi direcionado a escola. Este local do saber, enquanto “catedral do conhecimento”, concebe a este espaço, a nosso ver, uma visão reducionista de Educação. Até os dias atuais é comum percebermos nos discursos - inclusive dos próprios professor - de que o aluno vai para a escola para “aprender”. De fato não nos excluímos do grupo que consideram o espaço da escola enquanto determinante na formação do saber, mas desconsideramos qualquer concepção que tenta estabelecê-lo como único e exclusivo. Em um modelo de produção, inclusive do conhecimento, cada vez mais fabril, as crianças e adolescentes são submetidas a verdadeiras fábricas de saber.

O judô, aqui referendado, sofreu determinações diretas a partir de sua ocidentalização. Os impactos são vistos nos dias de hoje, onde a arte é cada vez mais esporte, e a sensibilidade filosófica é cada vez mais sucumbida em prol de padrões de luta. Este processo de “esportivização” também é marca do modelo econômico que convivemos, que prioriza os resultados e alavanca a cultura do vencedor, excluindo os derrotados. Nossa





intenção não é desprestigiar o esporte, que tem seu papel e tem sua função, mas sim, promover outras possibilidades de pensar o modelo que nos é repassado, que cultua valores que são reproduções de outras dimensões, que tem seu ponto de partida na política econômica mundial, nas dissonâncias sociais que vivemos, das hierarquias que a sociedade classicista expõe.

O judô, na sua dimensão mais profunda, prega um ser humano completo e complexo, mente e espírito. Jigoro Kano talvez não quisesse pregar essa dicotomia entre corpo e mente, mas uma unidade pautada por aspectos materiais e subjetivas. Para o Mestre Kano, o judô seria uma extensão da vida, por conta disso, pregava o princípio da gentileza, do ceder, do flexibilizar para se chegar a vitória. O grande mestre quis, talvez, representar no corpo, na luta e na arte, os limites e fragilidades de se viver em sociedade, e fazer daquela prática, uma ferramenta educacional para se pensar o cotidiano.

Através do estudo percebemos o quanto o judô traz em sua história a necessidade de formar indivíduos que extrapolem seus ambientes de prática, atribuindo um caráter de fato integral ao conhecimento emerge das aulas/treinos desta arte marcial. Com isso, pudemos compreender que, toda prática que tenha como finalidade educar, seja ela escolar ou não, deve pautar-se pela busca de uma formação crítica, onde o sujeito educando possa forma-se autônomo, tomando as rédeas da sua vida, sendo agente da sua história.

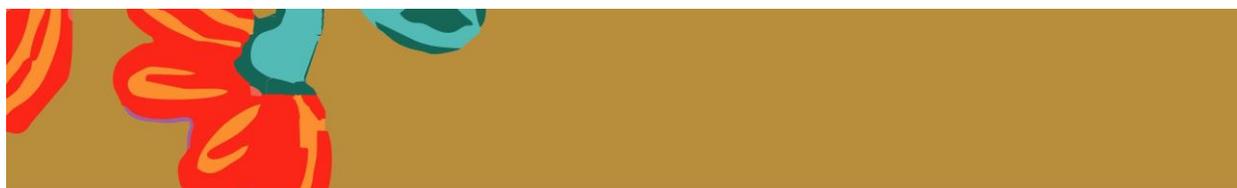
## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Wallace Rocha. **Karatê e judô: um diálogo sobre Educação**. Faculdade de Educação Física – UFES. Monografia de conclusão de graduação. Vitória: UFES, 2008.

CARVALHO, Máuri de. **Judô: ética e educação: em busca dos princípios perdidos**. Vitória: Edufes, 2007.

CAVALIERE, Ana Maria. Notas sobre o conceito de educação integral. In: COELHO, Lígia Martha C. da Costa (org.). **Educação Integral em tempo Integral: estudos e experiências em processo**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. **É imprescindível educar integralmente**. In: Caderno CENPEC, n.º2, 2006.





KANO, Jigoro. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MENEZES, Janaína S.S. Educação Integral & tempo integral na educação básica: da LDB ao PDE. In: COELHO, Lígia Martha C. da Costa (org.). **Educação Integral em tempo Integral: estudos e experiências em processo**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

PARO, Vitor Henrique. Educação integral em tempo integral: uma concepção de educação para a modernidade. In: COELHO, Lígia Martha C. da Costa (org.). **Educação Integral em tempo Integral: estudos e experiências em processo**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

PERUCA, Ângelo. **Judô: Metodologia da participação**. Londrina: Lido, 1996.

